

# C A P Í T U L O V

## ALGUNS ENTRETANTOS, ENTRE TANTOS

Eu tenho saudade do tempo do atraso por isso, por causa da tranquilidade, a confiança. Hoje o mundo tá mais civilizado, eu não discordo de quem estuda, eu sou de acordo de estudar, quanto mais aprender melhor. Mas a exploração também, a perdição, tá muito mais. Pra mim que sou quase analfabeto, eu tô encontrando, visando assim, que a exploração, a criminalidade, tá ultrapassando o desenvolvimento da educação. A educação tá se evoluindo mas a ignorância, a criminalidade parece que tá se evoluindo pra querer encobrir, ultrapassar [...].

Trecho do depoimento de João Evangelista Martins

A última visita que fiz ao povoado foi em 29 de junho de 2002, um dia de sábado. No dia seguinte haveria jogo do Brasil contra a Alemanha, pela final da Copa do Mundo de Futebol. O Brasil havia vencido a Turquia nas semi-finais, no dia 26, por 1 x 0. Estava na final. Pela primeira vez o povoado estava acompanhando uma Copa do Mundo de Futebol pela televisão. Nas outras Copas, acompanhou pelo rádio. Mas não deixou de acompanhar, como qualquer outro pedaço do Brasil, em época de Copa do Mundo. Isso significa que o suposto isolamento desta comunidade rural é uma fantasia. O povoado estava todo enfeitado de bandeirolas verdes e amarelas, como qualquer outro “canto” do país.

Cheguei numa das casas e lá estava a filha moça da família e uma amiga, em frente à televisão. Não estavam vendo jogo de Copa do Mundo – até porque neste dia houve apenas

a disputa pelo terceiro lugar na Copa, entre Coréia e Turquia. As moças estavam “pregadas” na frente da televisão acompanhando o quadro *Amor a Bordo*, do Programa *Caldeirão do Huck*, da Rede Globo de Televisão. Entendi que era o último dia daquele quadro e os/as participantes – belos rapazes e belas moças – deveriam ter constituído pares românticos entre uns e outras – aliás, esse era o “apelo” do programa. As nossas expectadoras, lá no São Bento, sabiam exatamente das minúcias do quadro da TV e discordaram, inclusive, do seu desfecho final – pois teciam seus comentários: “não gostei não. Ele deveria ter ficado era com a outra”.



**Imagem 23. Alunas vendo na TV o quadro Amor a Bordo da Rede Globo**

Isso faz com que se entenda que a experiência do povoado do São Bento, mesmo que pesquisada como um caso particular, não seja entendida como uma realidade ilhada. As narrativas de vida e morte lá verificadas assumem configurações muito comuns entre comunidades rurais do Brasil inteiro e, especialmente, do Nordeste semi-árido, em que as cenas do dia a dia já incorporam os meios técnicos e as mediações anteriormente restritas aos centros urbanos. De sorte que as análises que se seguem não devem ser consideradas meramente particularísticas. Os eventos verificados na comunidade pesquisada se conectam com outras, em um mundo cada vez mais integrado na narrativa global, pois, como já vimos, o povoado está cada vez mais “antenado”. Sobretudo, nos parece prudente que qualquer análise, julgamento ou planejamento educacional e de desenvolvimento, levem em conta tais detalhes.

Diante disso, as análises que se seguem, tentam colocar o povoado e sua particularidade no centro de um redemoinho que todos nós compartilhamos de alguma forma; em que todos nós estamos um pouco fígados. As formas podem ser particulares, mas os conteúdos nem tanto. Por isso mesmo as análises que se seguem tentam inventariar certos *entretantos* – entre tantos – que a pesquisa nos apresentou.

### ***V.1. Os TEMPOS MUDARAM!***

Quem chega agora ao São Bento, seja vindo do seu lado leste (na direção Patamuté-Curaçá) ou vindo do lado oeste (na direção Curaçá-Patamuté), a primeira imagem que vê, despontando por cima das copas das catingueiras, é o cinzento metálico da torre da Telemar. Isso lhe dá um certo estilo. É uma imagem integradora e lhe inclui em um mundo dirigido pelas tecnologias e pela informação e cuja paisagem já incorpora o metálico das

torres e antenas, os fios e cabos e os chiados e ruídos de sua estrutura batendo contra a natureza da natureza, ou mesmo os chiados e ruídos de suas próprias linguagens: o mundo *tec-unificado* da globalização.

Ora, essa pequena vila – a não ser pelo aspecto ainda modesto de suas casas e das feições de seus habitantes – em nada se parece com Macondo, a pequena aldeia de vinte casas de barro e taquara, do livro *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez (cuja referência encontra-se no início do Capítulo II deste trabalho), onde o cigano Melquíades fazia alvoroço com o que chamava de “os novos inventos do Velho Mundo”.

Se a ciência encurtaria as distâncias, como dizia Melquíades, os velhos e novos mundos agora entram pela janela das casas e trocam mensagens com os moradores do São Bento, mesmo que as linguagens de uns e de outros ainda sejam estranhas entre si. Mas será que algumas invenções do Velho Mundo ainda causariam espanto aos moradores do povoado?

Em geral olhamos para as comunidades rurais como ilhas isoladas no atraso. Esta é, sobretudo, a imagem do sertanejo, de acordo com o que já foi discutido no Capítulo III. Mas isto tem mudado. O rádio, a TV, os chicletes (e suas “tatuagens” que grudam nos corpos dos jovens), a moda, os ícones da indústria cultural, já convivem tranquilamente com homens, mulheres, meninos, jumentos e cabritos.

Ao que tudo indica, há uma tensão na relação entre as gerações, que não é uma coisa isolada no povoado, mas seus efeitos lá têm uma particularidade. De fato os modos de vida eram outros e estão mudando. É curioso notar, por exemplo, que havia um conjunto de saberes que orientavam (no sentido de Oriente, de menos razão moderna Ocidental) a vida das pessoas. A chegada de alguns aparatos técnicos e tecnológicos mudou essa matriz. Os mais velhos se referem a um “tempo antigo” que colocam em oposição ao “tempo da modernidade”.

Havia, por exemplo, uma relação de muito entrosamento com a natureza. Olhando, escutando com cuidado os moradores do São Bento, percebemos que os saberes presentes nas rotinas de suas vidas movem-se por relações não racionais (isso explica a oposição que eles mesmos fazem ao “tempo da modernidade”): “os jovens de hoje só querem saber de modernidade; num querem mais saber das coisas do tempo antigo”.

Na lógica do “tempo antigo” e dos saberes que compunham os cenários de vida, a caatinga, por exemplo, é algo mágico e se explica pelos segredos que encerra e pela magia das similitudes entre os seres e entes. Quando um vaqueiro (ou sua esposa ou seu filho), por exemplo, encontra um ninho de passarinho, ele não pode pronunciar – nem em cochicho – que naquele ninho há ovos. O que é permitido dizer é que naquele ninho há “pedrinhas”, visto que a pronúncia explícita do que realmente contém no ninho (ovos), pode atrair o predador daquela espécie de ave.

É como se a palavra aranhasse a coisa nomeada, fizesse equivaler uma coisa e outra, que no instante da pronúncia, se avizinham. Como se a palavra dita ecoasse pelos cantos da caatinga, até os ouvidos atentos do predador, para lhe chamar a atenção.



**Imagem 24. Um ninho de rolinha com duas "pedrinhas".**

Pela mesma lógica desta “vizinhança”, a água usada no banho do bebê, deve ser derramada muito devagarzinho para não fazer barulho, pois, se isto ocorrer, a criança pode se tornar uma criança *chorona*. E quando alguém, ao contar uma tragédia do tipo “alguém tomou um tiro bem aqui”, ao indicar o lugar com o dedo (pois as pessoas dizem auxiliando a fala com gestos), é preciso dizer “lá nele”, do contrário, é possível atrair o agouro, a mesma má-sorte do infeliz noticiado.

Esta mesma lógica desenvolveu saberes como a prática das rezas e dos benzimentos e a prática de curar animais pelo rastro.

DPM33. *Curar bicheira eu via papai bater, espantar o animal da bicheira e bater no rastro. Três sistemas, ela curava. Eu tenho bem lembrança de dois, um ele se ajoelhava, se benzia, tirava o chapéu, tirava o facão, pegava uma pedra, batia três vezes em cima do rastro. Tinha outro que ele batia em três rastro, batia com a pedra num, batia no outro. Agora palavra, nenhuma. Eu procurei a ele: “pai, me ensina curar no rastro”, ele disse “você não me vê como que eu curo?”. Eu digo “mas não sei como é as palavras que o senhor diz”... “olha, se benza, pensa em Deus e pode bater do jeito que eu faço e deixar que não tem outras palavras”. E assim eu curei várias vezes, e fui aprovado.*

Além destes saberes e segredos, em anos de muita seca, há o costume de roubar um santo da casa de alguém (atualmente raramente acontece), sustentando-se na crença de que, O Pai, na falta de seu Filho, se compadecerá e fará chover na comunidade onde houve o roubo do santo. Há também as promessas a São Gonçalo, que se pagam com rodas catadas e dançadas (estas estão também ficando cada vez mais escassas). E há todo um conjunto de segredos para a realização destas rodas, como diz um dos experientes puxadores d roda da região.

DPM34. *A roda de São Gonçalo tem um segredo. Tem que ser feita nos conforme, senão o santo reclama. Mais cedo ou mais tarde o troco vem, pode esperar que vem. Roda mesmo pra morto, se nun for feito do jeito que tem que ser, o morto pode baixar e reclamar.*



**Imagem 25. Uma Roda de São Gonçalo na fazenda Cabaccira**

Esses saberes, como outros, são fruto de um processo longo e se ligam ao tempo da pedagogia jesuítica, embora tenham se desenvolvido no seio de uma mestiçagem e de um hibridismo cultural, entre as matrizes que compuseram o perfil humano dos sertões, misturando às doutrinas católicas os ingredientes nativos e de negros escravos.

Essas lógicas estão estruturadas por um jogo de aproximação das coisas e dos mundos, aquilo que FOUCAULT (1999:23-61) chama de *similitudes*, que estruturavam o pensamento medieval na Europa que nos colonizou. Esse autor nos mostra como o conhecimento da Europa medieval do século XVI, pautava-se basicamente por este jogo

das similitudes. E havia basicamente quatro tipos de similitudes, a partir dos quais era possível decifrar e explicar o mundo: a *conveniência*, a *emulação*, a *analogia* e o par *simpatia/antipatia*.

A **conveniência** designa a aproximação, o avizinhamo, o emparelhamento das coisas entre si, a ponto de tocarem-se nas bordas; uma aproximação entre dois, um parentesco não muito nítido, como a alma e o corpo, de modo que o corpo se parece com a alma, e vice-versa. É uma semelhança ligada ao espaço que faz próximos a terra e o mar, as plantas e os animais e as coisas umas às outras – e, portanto há tantos peixes na água quanto sobre a terra há animais... E para cada um, há outro (FOUCAULT, 1999, 25).

A **emulação** é uma forma de explicar o mundo onde a semelhança é liberada da lei do lugar; uma semelhança sem contato, como o reflexo de espelho, onde as coisas do mundo se correspondem, como o rosto é êmulo do céu e como o intelecto do homem reflete a sabedoria de Deus. Como o claro esclarece, explica, pacifica; e o escuro encerra as tormentas.

Uma terceira similitude é a **analogia**, que superpõe a conveniência e a emulação e executa similitudes não visíveis, não maciças... mas as sutis semelhanças das relações (a planta é um animal que se sustenta de cabeça para baixo; a noz-moscada serve para dor de cabeça porque se parece com o encéfalo). A analogia pode voltar-se sobre si mesma sem, contudo, ser contestada. Como o vermelho desperta a avidez dos desejos e os sonhos de guerra.

A última similitude é constituída pelo par **simpatia/antipatia**, e resguarda um princípio de mobilidade: “atrai o que é pesado para o peso do solo e o que é leve para o éter sem peso; impele as raízes para a água e faz girar com a curva do sol a grande flor amarela do girassol” (FOUCAULT, 1999: 32). Assim, a simpatia completa-se com seu oposto a **antipatia**, para que disperse tanto quanto atraia, e cumpra seu efeito mobilizador. E a

soberania deste par (simpatia-antipatia), prescreve também um movimento de dispersão que dá lugar a todas as formas de semelhança. E assim sendo, as simpatias populares, por exemplo, engendram todos estes espectros de relações.

Para Gaston Bachelard, em *A Formação do Espírito Científico* (BACHELARD, 1996), aquilo que Foucault nomeia como similitude, são características do pensamento pré-científico, característico da Europa Medieval. Há passagens em sua obra que indicam como o pensamento, antes da consagração da ciência moderna, se operava por estas aproximações indicadas pelas similitudes de Foucault. Um dos trechos, de Jean-Baptiste FAYOL, indica:

O gato tem a ver com Saturno e com a Lua. Ele gosta tanto de erva valeriana que, quando esta é colhida sob a conjunção desses dois Astros, reúne todos os gatos no lugar onde ela está. Há quem afirme que esse animal é venenoso, e que seu veneno está no pêlo e na cabeça; mas acho que é só na cabeça, porque seus espíritos animais que crescem na Lua cheia, e diminuem na nova, só atacam na Lua cheia, saindo-lhe dos olhos para passar o veneno. Três gotas de sangue de gato macho, tiradas de uma veiazinha que fica embaixo do rabo, servem para curar epilepsia; a carne de gato abre hemorróidas e purga o sangue depauperado; seu fígado cozido e misturado com vinho, se bebido antes do acesso, ajuda a tratar a febre quartã; a banha de gato castrado, derretida, aquece e desfaz os humores da gota; é bom colocar o couro de gato sobre o estômago, as articulações e as juntas, porque ele aquece as partes enfraquecidas pelos humores frios; seus excrementos ajudam no crescimento dos cabelos. Quem tiver consigo erva valeriana pode levar o gato que quiser, sem preocupação. Esse animal cura os próprios olhos com o uso da valeriana (Fayol, citado por BACHELARD, 1996: 111).

Esse tipo de aproximação das propriedades dos seres e das coisas, que para Bachelard é característico do pensamento pré-científico medieval, é também bastante característico da forma como se operaram os saberes sertanejos, engendrando as similitudes das quais nos fala Foucault. Estas similitudes como forma de conhecer e explicar o mundo, parecem ter encontrado abrigo nos saberes dos camponeses sertanejos – possivelmente sendo reinventadas milésimas vezes, desde a projeção euro-cristã nas terras do sertão.

A reinvenção do conhecimento pelo jogo das similitudes, produziu, ao meu ver, uma forma mágica de conhecer o mundo, certamente diferente do sentido da magia no período

medieval, mas que dá conta de produzir as explicações necessárias para que a vida siga sem maiores desesperos.

A magia, neste caso, é apenas a ciência possível que, em si, não é lógica nem ilógica. É apenas um saber que resolve conflitos, carências por explicações, por dotar de sentido e entendimento as coisas do mundo. Assim, a magia é a imanência, ou seja, o princípio de que o todo está contido na parte. Este mesmo princípio move, nos sertanejos semi-áridos do São Bento, a produção de muitos dos seus saberes; na construção de estratégias de sobrevivência. Este mesmo princípio move a relação das pessoas entre elas e com o meio, a água, com a caatinga, com os animais entes invisíveis, agregando valores simbólicos que se vinculam à relação com o sagrado.

A prática da cura se baseia nestes elementos. E antigamente se vivia de curar pessoas, de reza, de benzimentos, de fazer beberagens fitoterapêuticas artesanais e caseiras, de remédios de “casca de pau”, como dizem eles. Mas atualmente esses saberes estão sendo obsoletizados pela modernidade dos novos incrementos técnicos. E, possivelmente, os novos produtos de consumo, na medida em que circulam e garantem certos benefícios em curto prazo, distribuem também seus males, incluindo muitas novas doenças, cujas simpatias e todas as práticas baseadas nas similitudes já não vencem: “uma virada no mundo”.

## ***V.2. TEMPO-ESPAÇO SE MODERNIZANDO***

Esse sistema de saberes acima indicado e os vários códigos que compunham um sistema de *solidariedade mútua* entre os sertanejos (apresentado no Capítulo III), estabeleciam e mantinham as condições de vida, dignidade e respeito entre os habitantes do

lugar. Esta fórmula permitia que uma pessoa vivesse longos anos e morresse sem sequer conhecer um médico. Mas isso, pelo tom de voz dos mais velhos e pelos julgamentos dos mais novos, parece que está virando coisa do passado:

*DPM35. Hoje os mais novos não ligam mais pra isso não, para os ensinamentos dos mais velhos. Antigamente se vivia assim. Era de casca de pau, de fazer remédio, de reza, de benzer. Médico era a coisa mais rara. Tinha gente aí, muitos, que eu conheci, que morreu de véi sem vê um. Hoje em dia, qualquer dorzinha a pessoa já corre logo pro médico, pra farmácia; é tudo remédio comprado de farmácia... E num resolve, por que hoje se morre mais cedo.*

A ciência retaliaria o pronunciamento acima. Não somente por sua falta de rigor científico, por não apresentar as estatísticas, os dados, mas também porque o discurso majoritário da ciência atualmente afirma o contrário: “a ciência prolongou a vida humana” – como atestam os relatórios da ONU sobre expectativas de vida ao nascer. Sobre isso não pretendemos estabelecer as bases da verdade de cada lado. Basta indicar, para contrapor ao discurso oficial da ciência, que fome e morte parecem fazer parte integrante do monstruoso sistema de ‘estimulação’ do *Capitalismo Mundial Integrado* (Cf. GUATTARI, 1990: 11), desde sempre e sobretudo daqui a diante.

O que ocorre hoje em lugares como o São Bento – certamente em muitas outras pequenas comunidades rurais, sertanejas ou não, semi-áridas ou não – é mesmo uma espécie de modernização das relações, no sentido mais próprio do termo, ou seja, um processo de racionalização das relações e o abandono, pelo menos a partir dos mais novos, dos saberes informais dos mais velhos. Mas não é somente isso. Os mais novos também não parecem estar mais interessados no trabalho com a roça e com o criatório.

*DPM36. Os mais nôvo não quer mais nada com isso aqui não. Ói, aqui perto tem uma fazendo que os véi tiveram que soltar as vaca porque, os filho, uma filha que tem, essa é lá pra rua, estudando pra lá, acho que trabalha de bóia-fria lá pro lado da Logos. Aí os véi não consegue mais fazer o requeijão, o leite não dá pra vender, não tem quem venda nem quem compre, e aí tem que derramar o leite ou soltar as vaca. Esse ano, vi dizer que soltaram.*

Tudo indica que há um processo de desterritorialização e de reterritorialização em curso, operado por um novo e poderoso sistema técnico, dominante no mundo de hoje, em que, além de tudo, traz embutida a idéia de necessidade de escolarização, e a vincula a outros modos de vida e trabalho.

O mundo da “modernidade”, como qualificam os moradores do São Bento, tem uma outra característica, a de ser invasor. Ele não se contenta em ficar ali onde primeiro se instala e busca espalhar-se, na produção e no território (SANTOS, 2000: 26); nos mais variados e distantes espaços; nas relações pessoais e nas formas de afeto.

Aquelas solidariedades mútuas, os mutirões, os batalhões de homens para limpar o roçado de uns e de outros, as parcerias comunitárias de antes; os saberes tradicionais, foram invadidos por outras relações em que o que vale é o dinheiro. Por isso mesmo antigamente se vivia sem dinheiro, fabricando e dividindo e, hoje, que há mais dinheiro circulando na comunidade, para muitos, se vive pior que antes.

O jegue passa a ser substituído pela moto e pelo carro, que carece de combustível, mecânica e peças, e como um efeito dominó, este evento planta um novo ciclo de necessidades. É assim que o dinheiro se instala como condição básica, tornando-se instrumental à regulação da vida, da economia e assegurando, assim, o alargamento do seu âmbito e a frequência do seu uso (SANTOS, 2002: 98). Ora, um jumento se alimenta com a ração que se pode produzir ali; uma moto ou um carro, com combustível e peças que se tem que comprar de fora, amplia o núcleo das dependências. Porém uns são mais velozes que outros e melhor atendem a uma tendência de aceleração dos ritmos da própria vida e a suas novas necessidades.

Desta forma, o sistema de solidariedade mútua, que constituía uma forma de horizontalidade no povoado, vais-se esvaindo, ficando para o passado; vai morar no

“antigamente”, no “tempo antigo”, como os próprios remédios e curas, que são cada vez mais “oficiais”, com mais procura de médicos e farmácias.



**Imagem 26 Jegue: o passado**



**Imagem 27. Moto: o presente**

As relações atuais, portanto, estão mais infestadas de forças verticais, por aquilo que Milton Santos chama de *verticalidades*.

As verticalidades são, pois, portadoras de uma ordem implacável, cuja convocação incessante a segui-la representa um convite ao estranhamento. Assim, quanto mais “modernizados” e penetrados por essa lógica, mais os espaços respectivos se tornam alienados (SANTOS, 2002: 108).

As verticalidades impõem necessidades de integração ao mundo não das técnicas, mas à lógica da dependência mercantil, cujos meios técnicos são apenas as peças que fazem girar tal sistema. Elas dizem “você agora precisa disso; não há mais como voltar. Nós temos para lhe vender o que você agora precisa”. E, portanto, junto com a moto, a gasolina, as peças, a mecânica; ou junto com a TV, vêm também os novos desejos que se implantam de cima para baixo: o da bolacha, o da boneca da Xuxa, o do tênis de luz no calcanhar; o estilo mais “moderno”, a vontade de fazer sucesso rapidamente... em outro lugar, longe dali.

O mundo girou no São Bento desde os primeiros sinais do comércio que produziram a feira e o povoado e, desde lá essas verticalidades não pararam de alterar o território, hoje,

no entanto, com mais vigor e velocidade, com as novas tecnologias que para ali agora se dirigem.

Os “mais velhos” apenas reclamam que os “mais novos” não se interessam mais pelas coisas do “tempo antigo” e os olham com um certo ar de lastimação e nostalgia. A “modernidade”, como apropriadamente nomeiam esses “novos tempos”, chega solicitando a filiação a outras lógicas. A própria forma de definir os limites das propriedades, que antes, no sistema de *solidariedade mútua* não careciam de marcas muito precisas, agora precisam ser revistas.

É importante hoje que se retirem os documentos de propriedade das terras e que estas sejam cercadas. Isso tem gerado vários conflitos, na medida em que aqueles que têm mais condição em geral abocanham parcelas maiores de terras, e deixam sem espaço aqueles que logram menor condição econômica.

Em outro âmbito esta modernidade – e, portanto, a racionalidade aí embutida – agora solicita que as propriedades sejam planejadas para se tornarem mais produtivas. É assim que os bancos, programas de custeio e técnicos de extensão rural se posicionam.

*DPM37. É, eles querem que a gente compre máquina pra fazer forragem, forrageira pra, pra a gente armazenar a ração, que aqui tem um tipo de tempo que nun chove, nun vem chuva sempre, né? É num vamo poder armazenar se num faz isso, eles querem fazer isso pra nunca, quando for agora, quando é nessa época de seca, ter o que dar pros bicho. Eles quer que a gente limpe a terra, demarque o que vai plantar em cada lugar... uma coisa num lugar, outra em outro... tudo certinho.*

Por esta lógica racional, as relações afetivas que estão estabelecidas entre as pessoas, as coisas e lugares, precisam ser racionalizadas. Por exemplo, algumas velhas árvores que estiverem espalhadas pela roça, cada uma com seu nome (pois é hábito das pessoas nomearem as coisas, incluindo animais e plantas: por exemplo, “Umbuzeiro da Vêa

Toinha”), devem ser retiradas do terreno, para aumentar o espaço produtivo, rompendo assim, laços afetivos longamente estabelecidos por relações racionais.

*DPM38. Quando eu fui tirar dinheiro aí pra fazer uma melhorinha na propriedade, o técnico me disse: “o senhor tem que dividir a terra, definir o que vai num lugar e o que vai no outro”. Tem que saber onde vai plantar capim, onde vai plantar leocena, onde vai plantar palma, onde vai fazer cacimba, onde vai fazer cercado. Tem que fazer o desenho, demarcar, saber onde vai botar tudo; tem de ser tudo acertado.*

Uma roça, que além de qualquer outra coisa é o “lugar no mundo” que as pessoas têm (o “lugar aonde cair morto”, como dizem), tende, nestas novas relações, a substituir estas relações mais afetivas por relações mais racionais, próximas da relação empresarial. Este ponto, sem avalia-lo para o bem ou para o mal, se constitui atualmente em um aspecto relevante, que merece ser considerado nos planos de desenvolvimento.

### ***V.3. NOVAS VERTICALIDADES E DESEJOS***

As mudanças que estão a ocorrer no povoado não deixam de provocar certos desconfortos em alguns que não convivem bem com “esses tempos modernos”. Mas não os mais jovens. Estes já estão bastante habituados com as novidades e até desejosos delas. As meninas e mocinhas têm lá seus ídolos e sonhos, facilitados pelas novas tecnologias.

*DAA2. Ah! Hoje é uma maravilha, viu? Assim, as mudanças, às vezes é pra ruim outras vezes pra melhor [...]. Eu acho que é mais pra melhor. Tem essa coisa do desrespeito, às vezes o aluno não respeita os colegas, o filho não respeita o pai, né? Tem isso. Tudo isso que o povo fala. Mas eu falo assim, que é uma maravilha hoje porque antigamente num tinha os meios de comunicações mesmo aqui, né? Só através de cartas, as comunicações, né? E hoje tem televisão, telefone, e outras coisas. Lá em casa tem televisão, tem telefone... Aqui na fazenda tem, orelhão também, tem geladeira também, assim (...) Tem uns dois anos, quase, que tem isso. Energia solar também,*

*né? Já acostumamos com a novidade [...]. Agora dá pra ver meu cantor predileto, meu ídolo, Zezé Di Camargo, que eu sou apaixonada. Eu Idolatro aquele homem! Meu sonho é ter uma noite de princesa com ele. Ah! Meu Deus, ah! se eu pudesse!. Eu até já fui ver ele nun show em Juazeiro. Fui no camarinho falar com ele...*

Encontrei uma curiosa anotação em meu diário de pesquisa: “no dia 18 de agosto de 1999, participei de uma reunião com ‘filhos do São Bento’ que moram em Curaçá, que objetivava discutir e preparar a festa dos 25 anos do São Bento, a serem comemorados no dia 18 de setembro. O ponto mais polêmico entre os participantes da reunião foi a discussão da programação festiva. Uns queriam uma festa mais tradicional, com um baile de forró, outros queriam uma banda que tocasse música baiana, alegando que forró era uma coisa muito ‘careta’. Ao final da discussão, a decisão foi por colocar uma banda pagode e axé”<sup>1</sup>.

Por estes elementos é possível inferir que o povoado e as comunidades vizinhas – umas mais que outras – já foram pescadas por aquilo que Edgar Morin chama de uma “segunda industrialização”, que passa a ser a industrialização do espírito, e uma “segunda colonização”, que passa a dizer respeito à colonização da alma. Para ele “essas novas mercadorias são as mais humanas de todas, pois vendem a varejo os ectoplasmas de humanidade, os amores e os medos romanceados, os fatos variados do coração e da alma” (MORIN, 1997: 14).

E esta segunda industrialização, ou esta segunda colonização conta efetivamente com o repertório de astros e estrelas que circulam no rádio e na TV e constituem o lastro da Indústria Cultural (ADORNO & HORKHEIMER, 1985). É por isso que os moradores (e neste caso fundem-se “mais velhos” e “mais novos”), têm entre seus desejos, o de ver o

<sup>1</sup> O *Axé Music* é o emblema da chamada ‘nova música baiana’, que funde elementos do samba-reggae, do samba de roda e do merengue, cujos ritmos e letras são em geral muito parecidos e as apresentações são sempre acompanhadas de movimentos de corpo que fazem parte efetiva da composição de cada música. O *Axé Music* é o principal ícone da indústria cultural no campo da música não só no Estado da Bahia, mas se estendendo para outras regiões do país, sobretudo através do agenciamento deste estilo musical pelas empresas de blocos do carnaval baiano.

povoado com energia elétrica, já que a energia solar não permite o uso abusivo da televisão, uma vez que ainda é preciso poupar energia de dia, para poder ver TV à noite.

*DPM39. Ói, o que falta aqui pra coisa ficar boa mesmo, é a energia. A elétrica, né? Porque esta daí, esta solar, num dá. Certo que já é alguma coisa, né? Pra quem num tinham nada... Mas num dá nem pra ter um ferro de passar, né? Que num pode ligar, que num guenta. Não dá nem pra.. pra fazer um suco, que a bicha num güenta um lidificador [(liquidificador), né? Mas eu tenho fé em Deus que a energia elétrica vai chegar... Aí eu sei que aí desenvolve, né? O véi aí, meu marido, tem aí uma oficina pra remendar os pneu dos carro,cum a energia já melhora, né?*

Isso indica que também os “mais velhos”, especialmente os que habitam a sede do povoado, sonham com uma vida mais iluminada. Os filhos, no entanto já estão “ligados” há mais tempo em outros “materiais” que chegaram por ali com as novas parafernalias modernas.

*DAA3. Eu Gosto de novela. Assisto Sandy e Junior domingo. As cassetada. Assisto Didi. Mas de tarde eu num assisto. Porque senão num tem energia pra de noite assistir a novela. Ó, quando num tinha televisão nas casa, tinha televisão ali, no... no prédio, nun era Leandro?*

Mas há a reação de muitos pais que lamentam a novidade e adicionam um aspecto importantíssimo: a questão do respeito, que para muitos está se acabando.

*DPM40. Hoje... os novato de hoje num querem mais fazer nada não. Eles nun ligum mais pras coisa do tempo antigo. Porque os mais véio foi criado tudo trabaiano, e o serviço pesado, e os de hoje num querem mais fá... trabaiaiar no pesado ... Quer é festa, é modernidade, é andar pr'aquí, pr'ali, pr'aculá... tudo só querendo ser moderno. E é por isso que o desrespeito hoje tá demais.*

*DPM41. Antigamente nós ia pra escola de pé, montado numa cangaia. Hoje o aluno só vem se for de carro, se num for de carro num vem. Então tem muita coisa que mudou do nosso tempo. Nosso tempo tinha mais respeito, mais compreensão, e hoje num tem mais.*

DPM42. *Pra mim, hoje em dia piorou, assim, a gente fica... falando com eles como era o modo de “de primeiro”, a gente num se acostuma com hoje em dia, e parece que é todos, em todo lugar, num é?.*

DPM43. *Eu tenho saudade tempo do atraso por isso, por causa da tranqüilidade, a confiança. Hoje o mundo tá mais civilizado, eu não discordo de quem estuda, eu sou de acordo de estudar, quanto mais aprender melhor. Mas a exploração também, a perdição, tá muito mais. Pra mim que sou quase analfabeto, eu tô encontrando, visando assim, que a exploração, a criminalidade, tá ultrapassando o desenvolvimento da educação. A educação tá se evoluindo mas a ignorância, a criminalidade parece que tá se evoluindo pra querer encobrir, ultrapassar [...].*

O que estamos tentando mostrar aqui é um dilema, uma zona de tensão, entre o de lá e o de cá; entre o antigo e o novo; um interstício entre saberes e lógicas próprias das comunidades sertanejas e as racionalidades modernas, que chegam embutidas nos aparatos técnicos e tecnológicos, bem como toda uma “tecnologia do desejo” que nelas vem embutida.

Certamente esses processos vividos pelo povoado e suas as comunidades, é irreversível. E certamente também, se esses novos desejos não forem satisfeitos na própria comunidade, na medida em que as políticas públicas democratizem os novos bens da cultura contemporânea, a tendência é que as pessoas, grávidas de tais desejos, busquem satisfaze-los em outros lugares.

Por outro lado, as novas técnicas e tecnologias precisam dialogar tanto com os desejos quanto com os saberes tradicionais, uma vez que, sendo estes espécies de horizontalidades, em geral contrariam as intenções das ações implementadas, e contrariam a própria lógica das verticalidades. As cisternas construídas nas comunidades, pr exemplo, – que devem ser utilizadas dentro de alguns procedimentos racionais – acabam sendo utilizados de formas muito variadas e dentro de lógicas próprias, como por exemplo, as pessoas buscam água no tanque ou barreiro para encherem a cisterna, esquecendo os

cuidados sobre os quais são orientadas, visando não poluir a água da cisterna com outra água suja.

As diversas reações dos moradores, “mais velhos” ou “mais novos”, são extremamente importantes e deveriam constituir um quadro de avaliação qualitativa das condições e contradições do desenvolvimento e da escola no São Bento – ou em qualquer outro lugar. O mais importante, talvez, seja encontrar o ponto em que um tal desenvolvimento, que sobretudo se quer sustentável e adequado ao quadro de vida do semi-árido, pode mediar com estas mudanças e tensões. Nossas reações (ou pelo menos as reações dos chamados “agentes de desenvolvimento”), no entanto, às vezes beiram um certo romantismo caduco, que em nada ajuda no solucionamento razoável de tais questões.

#### ***V.4. Os MISSIONÁRIOS DO “BOM” E DO “CORRETO”***

Os dilemas enfrentados por uma comunidade como a do São Bento, em geral habitam as preocupações dos chamados “agentes de desenvolvimento” e mais enfaticamente a preocupação dos agentes do “desenvolvimento correto”. Parte destas preocupações pertencem aos muitos agentes que atualmente discutem a questão da convivência com o semi-árido, como a metáfora mais perfeita para qualificar o *desenvolvimento sustentável* dos sertões e, entre estes, os novos eventos no mundo rural costumam causar sérios impactos e produzir reações negativistas. Um exemplo claro disso são as reações frente à chegada da TV e à mudança dos comportamentos entre os jovens.

Como já indicamos, além dos muitos outros aparatos técnicos, a presença da TV e as alterações que ela provoca é algo cada vez mais indisfarçável, sobretudo por que

atualmente é comum encontrar casas em que não há sequer instalações sanitárias, aparelhadas com uma antena parabólica. Da mesma forma, além de antenas parabólicas e TV's, os camponeses querem usufruir outros aparelhos eletrodomésticos, como o fogão a gás natural, para não ter que viver no mato apanhando lenha.



**Imagem 28. A antena parabólica vai se popularizando, mesmo onde não há sanitário**



**Imagem 29. O Fogão a gás natural já é uma conquista entre muitos moradores**

Diante de tais imagens muitas pessoas, entre aquelas que classificamos como “gestores e parceiros” da experiência que estamos descrevendo, recorrem a uma atitude tão negativista em relação a esses meios técnicos, que chegam a se parecer muito com as reações de Rousseau, quando percebeu que as manufaturas começavam a substituir relações comunitárias e as corporações de ofício medievais. De acordo com RUGIU (1998), Rousseau

sonhava também com a dissolução dos aglomerados urbanos e com o isolamento camponês, enquanto a Europa estava diante de uma crise da agricultura e do definitivo declínio das Corporações de Ofício, enquanto o urbanismo em vez de diminuir se multiplicará e se tornará sempre mais invasor e turbulento (In RUGIU, 1998: 12).

Não é raro, por exemplo, encontrarmos pessoas entre os “gestores e parceiros” remoendo queixas de que a TV está mudando os hábitos e que isso é muito ruim, como se pode ver em alguns depoimentos anotados abaixo.

*DGP6. Antigamente as pessoas tinham o hábito de sentarem na calçada ou no terreiro para conversarem, para contarem estórias, causos. Isso está acabando com a chegada da TV. Pai não conversa mais com filho, filho não conversa mais com pai. Quando anoitece todo mundo se tranca em suas casas, na frente da televisão; aqueles laços entre as pessoas estão se acabando. A televisão hoje é uma praga. As pessoas tão perdendo sua cultura, seus valores. Isso é uma coisa lastimável.*

*DGP7. Hoje você chega no mato, você encontra o cabra tangendo bode escanchado numa moto; você vê aqueles jovens usando aqueles shortões folgados, usando óculos escuros, brinco na orelha. Uma coisa que você vê que é postiça, que não faz parte dos valores do campo, uma coisa muito urbanizada... Você vê que as raízes estão se perdendo... que isso não é uma coisa natural do lugar.*

*DPG8. Temos que ver uma forma de tirar do campo essa praga da televisão, as antenas parabólicas, as motos, do meio rural, por que isso é uma poluição, é uma agressão ao meio ambiente.*

Os trechos acima sintetizam um pensamento muito próximo daquele de Rousseau, já indicado antes. Há curiosamente entre aqueles que sustentam que há viabilidades produtivas no ambiente semi-árido (e que estão empenhados em “levar” ao camponês uma consciência desta viabilidade), uma carga muito forte de negativismo em relação às chamadas novas tecnologias, mas sobretudo àquilo que nomeiam como elementos de uma cultura urbana no meio rural: aquilo que classificam como o incorreto.

Para este tipo de pensamento, a escola deve ser um agente capaz de “resgatar a cultura que está se perdendo” e de afastar para bem longe os apetrechos alienígenas de uma cultura urbana invasora. Tal procedimento não só desconsidera que não há a tão almejada originalidade cultural – visto que a própria cultura sertaneja, como já o apontamos, é um

híbrido das matrizes culturais que entraram em contato nos processos históricos ainda em curso – mas desprezam, paradoxalmente, a própria idéia de mudança.

Ora, nos parece claro que, a própria *deixes discursiva* da convivência com o semi-árido, requer que o camponês do semi-árido mude, na medida em que, sendo possuidor de uma consciência da natureza da natureza semi-árida, racionalize seus procedimentos, aprenda a calcular (a quantidade de litros de água que necessita para beber, o tamanho do telhado da casa, a quantidade de água que o telhado pode reter para a cisterna, o tamanho da cisterna, etc., etc.), e adote uma postura criteriosa em relação ao manejo dos recursos (como por exemplo, usar sempre a mesma vasilha para apanhar água na cisterna, evitando assim poluir a água lá armazenada). Esses princípios nos parecem bastantes racionais, quase tayloristas<sup>2</sup>, uma vez que aproxima disciplina e produtividade, diante de uma cultura que opera por outros vieses mais efetivos, Isso não significa sugerir e desejar uma mudança no âmbito da cultura?

Estas posições indicadas acima são curiosas por que as pessoas que as defendem encontram-se todas razoavelmente bem instaladas nos centros urbanos, de onde elaboram as propostas que consideram corretas para o meio rural. Todas elas não abrem mão de suas TV's, de seus computadores, de seus aparelhos de ar condicionado, de seus banheiros com água aquecida, de suas geladeiras, de seus liquidificadores, de seus automóveis, de seus óculos escuros e de suas roupas “urbanizadas”. Ora, mas porque então estas coisas representam um mal, quando se trata de meio rural?

Há entre estas pessoas aquelas que chegam ao cúmulo de ser contra a instalação de sanitários e, sobretudo, de sanitários com descarga no meio rural e inclusive nas escolas, com a desculpa de que eles são inviáveis e desperdiçam muita água, já que a água é um recurso escasso no semi-árido. Mas essas mesmas pessoas não abrem mão dos seus

---

<sup>2</sup> Refiro-me a uma racionalidade produtivista, baseada no adestramento, decorrente da matriz fornecida pelos *Princípios da Administração Científica*, de Frederick Winslow Taylor (TAYLOR, 1985).

banheiros com descarga, mesmo estando também no semi-árido. Sequer lembram que, provavelmente os camponeses não estejam mais dispostos a viver fazendo suas necessidades fisiológicas em mato aberto, como sempre o fizeram.

Se por um lado é importante não se encantar simplesmente com as mudanças, e não esquecer que há dificuldades muito específicas relativas ao clima e à escassez de água, por outro lado é importante não esquecer que a razão da humanidade não é apenas de adaptação à natureza, mas de transformação das suas próprias circunstâncias em benefício da melhoria das condições de vida humana. E neste sentido de que maneira seria prudente adotar uma espécie de avaliação que fique presa a um saudosismo improdutivo?

A adesão às novidades do mundo, boas ou ruins, relativamente aos contextos de vida em que estavam engendradas, sempre estiveram presentes – como em Macondo – e talvez isso exija apenas um certo desprendimento para refletir sobre o nosso atual contexto e suas narrativas particulares, entre elas a do próprio *desenvolvimento sustentável* e a da *convivência com o semi-árido*.

Mas o mais curioso nesta discussão é o fato de que alguns “agentes” se autodefinem como os mais legítimos para nomear o bem e o mal, o bom e mau, o certo e o errado, o correto e o incorreto – e sobretudo para fazê-lo de forma bem apressada, pouco dialética e quase dogmática. Bem distante da perspectiva do pensamento complexo, como desejaria Edgar MORIN (1998), ou ainda bastante próximo daquele tipo de *esclarecimento iluminista* questionado por ADORNO & HORKHEIMER (1985), em *A Dialética do Esclarecimento*, quando afirma que o esclarecimento ainda se reconhece a si mesmo nos próprios mitos, e por isso é totalitário, doutrinário.

Em certos momentos, os propositores do “retorno” chegam afirmar que as pessoas não querem as tecnologias; que quando elas vão para a cidade, preferem levar consigo um moinho, um fogão a lenha. Nos parece claro que isso ocupa apenas o espaço da saudade, da

nostalgia, a ilustração de uma ausência, que guarda a memória de uma errância fundadora, mas cujo “lugar” representado em um fogão a lenha na cidade, na casa “moderna”, não significa que existe ali um desejo real de retorno ao lugar de antes, e às condições de antes, de onde já saíram.

Objetos rústicos, como uma sela<sup>3</sup> velha, no canto da moderna casa urbana, decorando o ambiente, na verdade, é mais comum em casas de intelectuais (ou os próprios guardiões do “correto”), e se enquadra muito naquilo que Edgard MORIN (1999: 174-196) chama de “neo-arcaísmo”, e representa uma alternância entre trabalho-férias-lazer, ou entre uma vida sofisticada, numa perspectiva de um cotidiano racionalmente ajustado e oficial, e uma fuga na contemplação do arcaico ou do contra-moderno. Mas os camponeses querem conquistar o direito de alternar – coisa que ainda não podem, em termos de escolha; querem o moderno, que nunca tiveram.

*DPM44. Oi, meu irmão, quem é que quer hoje viver no mato catando lenha, carregando carga de lenha, na cabeça, né? Hoje, se puder ter um fogão a gás, já alivia um pouco. Geladeira mesmo, a gente só ainda num fez mais força de ter, porque não tem energia, elétrica, né? E geladeira a gás, que até tem umas aí, ali em Beto tem, também num é o mesmo, a mesma coisa, né?*

### ***V.5. A CULTURA COMO O SUMO HÍBRIDO DAS ERRÂNCIAS HUMANAS***

Entre as muitas posições de pessoas que oferecem as proposições ideais para o modelo de desenvolvimento sustentável para o semi-árido, condizente com a convivência com o semi-árido, grande parte encerra muitos medos. O mais recorrente deles, como já foi apontado, é o de que os camponeses percam suas raízes culturais. Algumas posições defendem uma “fixação” do homem à terra, e procuram garantir que o desenvolvimento, tal como formulado, minimize o fluxo do êxodo rural. E portanto há o medo de que, com a entrada de novos aparatos técnicos, a cultura vá se modificando e “perca” sua

<sup>3</sup> Arreio acolchoado, feito de couro, que se coloca no dorso da cavalgadura e sobre o qual monta o cavaleiro, ou o vaqueiro.

“originalidade”; se desenraize, desenraize as pessoas. E uma vez desenraizadas as pessoas se vão embora, para outras terras que julgam ser melhores que o semi-árido.

Certamente os meios técnicos alteram as condutas, uma vez que são eles também elementos de comunicação e linguagem. Além disso, as técnicas trazem as marcas do sistema que as gerou e as comunicam aos sujeitos que acessam (e nisso são também forças verticais e hegemônicas). Mas o êxodo original não está ligado apenas a um desenraizamento, praticado no âmbito das mudanças culturais. É mais certo que esteja ligado às próprias carências experimentadas pelos camponeses na história de ocupação dos sertões. Condições estas que se mantêm quase que inalteradas até hoje. Em última instância os desenraizamentos compõem um princípio fundador da própria humanização do homem.

Embora hoje já ocorram mudanças na ordem dos deslocamentos dos sertanejos que migraram, indicados pelas migrações de pequena duração e pelo retorno do imigrante à cidade de origem, “a migração dos nordestinos para São Paulo não é uma história recente. Antes da primeira metade do século XX, em torno de 1920, o êxodo rural dos nordestinos inicialmente alimentou a ordem da industrialização paulista” (CAVALCANTI, 2002: 143), e foi motivada pelas promessas de uma vida próspera nas terras paulistas, coisa que, para muitos se confirmou nos primeiros fluxos de imigrantes da primeira metade do século XX.

Hoje, na região do São Bento, não encontramos um só morador que não tenha alguns parentes vivendo em São Paulo. Destes, só estão em melhores condições de vida aqueles que foram nas primeiras levas; alguns já retornaram. As pessoas que foram, certamente passaram por um processo de desenraizamento, visto que foram assumir outras funções na indústria paulista.

*DPM45. Ah, em São Paulo eu fui arrumar minha vida, trabalhar, né? E graças a Deus, depois que arrumei a vida, aí eu retornei, aposentei, né? Retornei à minha terra natal. Eu fui com dezessete anos. Eu voltei em noventa, né? Aí eu tava com... cinqüenta e dois anos, né? Já aposentado. Lá*

*eu trabalhava de operador de forno. Agora aposentei e vim embora pra minha terra. Trouxe a família, o filho, que eram dois, mas morreu um, e ele vai trabalhar aqui comigo na pecuária, vamos cuidar da fazenda, criar bode.*

Este desenraizamento de ida, passou por um processo de re-enraizamento no novo ambiente da indústria paulista. E agora, ao retornarem ao sertão, novamente se desenraizam e trazem os filhos, paulistas, que, desenraizados do ambiente metropolitano ou suburbano, terão que se re-enraizarem no sertão.

Aqueles que defendem livrar a cultura e os camponeses destes contatos, deste nomadismo e deste hibridismo de referências culturais, desconsideram que este movimento não é novo; que a própria raiz cultural é híbrida e que, mesmo no sertão, o que há não é nada mais nem nada menos que um “enraizamento dinâmico”, conforme a sugestão de MAFFESOLI (2001), em que os contatos do *dentro* com o *fora*, as errâncias e os êxodos pelo mundo, e as miscigenações, o hibridismo e o sincretismo, são matrizes fundadoras do próprio sertão, como já o mostramos na forma como os sertões foram desbravados, despovoados re-povoados com o advento dos currais; com portugueses degredados e matrizes étnicas, como os negros e remanescentes mouros.

Basta a metáfora antropológica, que mostra que a cultura, em seu momento fundador, é plural, que é efervescente e não saberia, por si própria, acomodar-se a uma situação de petrificação, de estabilidade, sob o risco de estiolar-se ou murchar. Um corpo social, qualquer que seja, guarda a memória de sua errância original (MAFFESOLI, 2001: 53)

E de toda sorte, as pessoas não vão embora apenas em busca de trabalho e sobrevivência. Outros tantos motivos parecem esclarecer uma errância imanente nos sertanejos.

DPM46. *Aqui as pessoas vão pra São Paulo por tudo. Qualquer coisa que acontece, corre pra São Paulo. Hoje em dia nem tanto, mas era assim. Se briga, se bole com a filha alheia, corre pra lá. Filha que se perde [deixou de ser virgem, engravida], manda pra lá. Matou gente, corre pra lá... Os mais novo é mais, né? Que os mais novo é assim, quer sair, conhecer o mundo...*

É diante disso que MAFFESOLI (2001) sugere que a metáfora do nomadismo pode nos incitar a uma visão mais realista das coisas: a pensa-la em sua ambivalência estrutural. Há um espírito dionisíaco e hermético a suscitar uma perambulação e uma deambulação das pessoas – legitimamente dentro de seus direitos de livre trânsito. “Há o fato de quisermos estar aqui e ali, o desejo e a insatisfação, a dialética constante contra a estática e a dinâmica” (p. 77). Os sertanejos não fogem a essa regra e sequer se pode resumi-los a uma identidade, na medida em que, em suas perambulações e deambulações, são levados e desempenhar papéis diversos e a assumir identificações múltiplas.

Nesta lógica, sequer o comércio, o trabalho e a sobrevivência podem ser tomados como os únicos elementos para justificar os trânsitos. Há a busca incessante do Graal, da Terra sem Males (como pensavam os índios, antes dos currais de gado), como representação simultânea da dinâmica do exílio e da reintegração.

O nomadismo não se determina unicamente pela necessidade econômica, ou a simples funcionalidade. O que move é coisa totalmente diferente: o desejo de evasão. É uma espécie de “pulsão migratória” incitando a mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade (MAFFESOLI, 2001: 51)

#### ***V.6. CENTRO-PERIFERIA (OU “A LÓGICA DAS CASAS BRANCAS”)***

Além dos dilemas específicos da avaliação do correto e do incorreto, do bem e do mal, do dentro de fora – e de quem tem legitimidade para nomeá-los – e dos medos habitam as vozes dos propositores do desenvolvimento sustentável, há alguns aspectos sobre como as novidades e os benefícios de uma tal modernidade ou de um tal desenvolvimento, chegam às comunidades rurais do São Bento.

Poderíamos dizer que as novas racionalidades atingem a todos igualmente – talvez tenhamos deixado esta impressão. Mas não é verdade. De fato, as novas racionalidades atingem primeiro – e mais decisivamente – os setores menos carentes no meio rural. Neste sentido, aquelas famílias que vivem em melhores condições são as primeiras a possuírem carros, motos, telefones, antenas parabólicas, TV, etc, e a se *antennarem* nas novidades do mundo. São famílias que em geral detêm os melhores níveis de escolarização, melhores níveis de informação e, conseqüentemente, mais e melhores relações com a classe política. Moram em casas de tijolo, rebocadas, caiadas (pintadas com cal, portanto, brancas) e encimentadas (com piso de cimento), enquanto que a maioria vive em casas de taipa, sem reboco e sem piso de cimento.

Estas casas onde moram tais famílias são as chamadas “casas brancas”. Elas definem a pirâmide social no meio rural. Assim, mesmo quando os benefícios e os novos meios chegam na comunidade, por dentro de programas de políticas públicas, eles tendem a ser localizados mais próximos das famílias que habitam as “casas brancas”. Isso permite pensar que, também no meio rural, há centro e periferia: a periferia rural.



**Imagem 30. As Casas Brancas se beneficiam primeiro das políticas**

Ora, estas casas brancas passam a ser a referências nas comunidades – pelas condições já indicadas – e em geral é em seus terreiros que são localizadas as escolas não nucleadas do povoado, como a da Barra do Brejo. E essa mesma lógica fez com que uma antena de telefone da Embratel, que seria instalada na escola, fosse instalada no terreiro da “casa branca”.

Estes são outros aspectos que complicam o discurso do desenvolvimento sustentável, sobretudo porque as vantagens de tal desenvolvimento chegam com mais frequência para

uns do que para outros, cujos lugares nas relações de poder, ainda são os da margem. As casas de taipa, sobretudo aquelas menores e mais acanhadas, onde moram as pessoas mais pobres, sem recursos e sem escolarização, compõem um cenário de favela rural e em tais realidades os benefícios das políticas públicas demoram mais a chegar, sobretudo por que os benefícios do saber e da informação também chegam por último.



**Imagem 31. Uma das casas do que chamo periferia rural**

Estes aspectos deveriam compor uma centralidade nas discussões políticas, sobretudo quando o princípio de equidade deveria ser um dos principais pilares da noção de sustentabilidade.

E em relação às periferias rurais, não significa que, com elas os mais pobres do mundo rural estão a salvo das tentações do mundo moderno e das suas parafernalias tecnológicas que mediam a alienação – como poderia pensar uma cabeça mais preocupada com a perda das raízes culturais.

Pelo contrário, os mais pobres do mundo rural estão excluídos, inclusive das possibilidades de re-elaboração de sua cultura. Estão excluídos inclusive das possibilidades de transitarem, de deambularem, de perambularem em condições mais dignas e mais sadias, para também aumentarem seus universos de referências.

### ***V.7. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E CONVIVÊNCIA COM O SEMI-ÁRIDO***

Diante dos cenários apontados anteriormente, e estando a nossa preocupação centrada no estabelecimento das pontes entre educação e *desenvolvimento sustentável*, restaria perguntar sobre o sentido da conjugação deste termo, bem como perguntar, finalmente, sobre a metáfora particular da convivência com o semi-árido e sobre como se põe a escola neste ambiente.

Primeiramente devemos considerar que a perspectiva do desenvolvimento sustentável, mesmo que suportada pela noção de convivência com o semi-árido, ainda é muito centrada na idéia de *desenvolvimento econômico*, com a ressalva da *equidade social* da *prudência ecológica*, embora já se visualizem certas ponderações pertinentes.

DGP6. *O desenvolvimento sustentável, aí tem uma questão muito... às vezes mal vista, não é? Se eu entendo nesse momento, o crescimento, então posso dizer que isso não existe em termos de sustentável, de sustentabilidade, porque sempre nós temos que crescer, o produto interno tem que crescer, tem que crescer a exportação, tudo isso tem que crescer, não é? E acontece que nosso planeta tem só esses recursos, não é? Não podemos ter mais de uma Floresta Amazônica, não temos mais de um Oceano Atlântico, não temos mais de um sertão, só tem esse mesmo, não é? Então, se você entende por desenvolvimento o crescimento, eu diria que não é possível a gente tá depredando o que nós recebemos, nossa herança, não é? Como é que diz, como um pensador disse uma vez, “você não deve considerar a terra que você tem como herança dos seus pais, mas como emprestada dos seus filhos”. Então, se a gente desenvolver, nós temos que ser mais modestos em termos de gastar os recursos, e comida. Tudo aqui hoje se considera como liberdade, como vantagens, como expressão da pessoa humana, tem que ser repensado porque estamos sempre depredando um pouquinho dessa riqueza que nós temos.*

Esta é uma visão bastante disseminada entre os militantes do desenvolvimento sustentável, que centra a abordagem no aspecto dos “recursos naturais”. Esta visão é contestada por SANTOS (2001:20), quando diz que “os recursos naturais... se são naturais não são recursos, e para serem recursos têm que ser sociais”. É evidente que o desenvolvimento sustentável, na perspectiva da convivência com o semi-árido, precisa pensar como aproveitar as potencialidades desta região, mas, aponta SANTOS, é preciso desconfiar de “uma superfetação do fator natural, que pode produzir uma ideologia que nos afaste da discussão central que é a sociedade” (Idem, p. 18-19).

Mesmo a noção de convivência com o semi-árido, pautada prioritariamente em argumentos meramente ecológicos, precisa considerar mais enfaticamente as outras questões de ordem social. Neste particular, por exemplo, da “convivência com o semi-árido”, é preciso não esquecer que o sertanejo desenvolveu, ao longo dos tempos, um modo de convivência muito sensível, de escuta e de interação com o ambiente do sertão.

A lógica de seus saberes (como nas similitudes ou naquela estória das pedrinhas nos ninhos, para não dizer ovos), mas sobretudo quando os homens e mulheres entendem e decifram códigos do meio ambiente onde vivem, como as previsões de chuva e os “sinais”

da natureza, se revela aí uma convivência. É certo que ela não é racional, mas afetiva. Mas é preciso considerar isso em um plano das relações sociais e culturais desenvolvidas pelos sertanejos.

É preciso considerar também que há hoje um processo de dismantelamento desta forma de convivência, em nome de tratamentos mais racionais. Estes são elementos de uma discussão social e não natural, que deveria compor a preocupação do desenvolvimento sustentável na perspectiva da convivência com o semi-árido. Deveríamos estar preocupados o com o que estamos propondo colocar em lugar dos antigos saberes, e da mesma forma, estar preocupados com aquilo que efetivamente já está ocupando o lugar dos saberes tradicionais, para não repetir os enganos históricos do mero progresso técnico.

Depois é preciso pensar a natureza mesmo do desenvolvimento sustentável. Ora, este, antes mesmo de ser um conceito, surge como uma nova *discursividade* que congrega uma diversidade de perspectivas, mas que surge dentro das próprias crises do capitalismo, na medida em que os antigos modelos de desenvolvimento econômico estavam se correndo por dentro de si mesmos e das profundas contradições que geraram. O desenvolvimento sustentável surge portanto dentro de um “mesmo” desenvolvimento, que se vai sentindo esgotado e precisa se “reciclar” (termo apropriado).

Essa nova discursividade tem início ainda no final da primeira metade do século XX, movida em grande parte pelos efeitos da Segunda Guerra Mundial, e vem anunciar uma ‘nova aliança’ entre a humanidade e a natureza, uma ‘nova razão’ “que não seja sinônimo de autodestruição e estimular a ética nas relações econômicas, políticas e sociais” (REIGOTA, 1995: 11).

Embora nos termos de uma “nova aliança”, a noção se desenvolveu embutida nas preocupações levadas à Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, na Suécia, em 1972, e embaladas por relatórios em que os

cientistas estavam preocupados com o crescimento populacional, com o aumento dos níveis de poluição e com o esgotamento das fontes de recursos naturais (petróleo, cobre etc.), como demonstram os relatórios do Clube de Roma, *Os Limites do Crescimento*, de 1971, e *Momento de Decisão*, de 1973 (LEMOS, 1996: 9).

E o que se verificou em Estocolmo foi a explicitação de conflitos entre países ricos – *desenvolvidos* – e países pobres – *não-desenvolvidos*. Os primeiros preocupados com a poluição industrial, a escassez dos recursos energéticos, a superpopulação, a decadência de suas cidades e outros problemas decorrentes de seus processos de desenvolvimento. Os segundos, preocupados com a pobreza, e com a possibilidade de se desenvolverem nos moldes que se conheciam até então, ou seja, aqueles mesmos em vigor nos países desenvolvidos, que agora se viam esgotados (BARBIERI, 1997: 19).

Posteriormente o uso do termo *desenvolvimento sustentável* se torna comum para nomear a pretensão de um desenvolvimento “que atenda às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades” (BARBIERI, 1997: 23; LEMOS, 1996: 10). Assim, estarão fundidas na metáfora do desenvolvimento sustentável, tanto preocupações com desenvolvimento econômico, quanto com a questão ecológico-ambiental e com a questão social. A tríade fundamental é *desenvolvimento econômico, prudência ecológica e equidade social*.

Mas em geral prevalece mesmo é o pilar do desenvolvimento econômico, e mesmo assim, o emblema de desenvolvimento sustentável virou uma espécie de selo (como o ISO 14.000) que é defendido até por empresas em cujos projetos escusos e as ações que empreendem, se movem unicamente “por perspectivas baseadas, sobretudo, em análises de custo-benefício, meramente monetárias, onde a natureza se resume a uma grande fábrica” (BRÜGGER, 1994: 90).

Mesmo com estas contradições o desenvolvimento sustentável virou discurso oficial. Hoje é praticamente impossível não referi-lo e referenda-lo. No entanto, a perspectiva endógena de investimento no homem e para o homem, parece ainda não ter atingido a maioria nestas construções discursivas. Como diz VIEIRA, nessa discussão,

escapa assim ao campo de visão o reconhecimento de que as interdependências criadas entre processos naturais e socioculturais afetam retroativamente as condições de reprodução da vida social, a busca de satisfação de necessidades básicas para as populações sistematicamente segregadas dos benefícios do crescimento e, num certo sentido, a própria garantia de qualidade de vida para *todos* os segmentos sociais envolvidos (VIEIRA, 1995: 107).

A discursividade do desenvolvimento sustentável não tem proporcionado uma crítica sincera do próprio modelo de desenvolvimento hoje hegemônico no mundo globalizado: o capitalismo. E além do mais, os impactos medidos e discutidos são prioritariamente mais próximos e uma ecologia natural do que de uma ecologia humana como, por exemplo, considerar, em um contexto como o São Bento, o ingresso de novas tecnologias que alteram as relações sociais e a circulação do dinheiro na comunidade, mesmo que isso se dê dentro de uma relativa prudência ecológica, não diz nada sobre os processos de degradação humana, inerentes ao desenvolvimento tecnológico e econômico.

Neste sentido Feliz Guattari, em *As três ecologias*, empresta um bom questionamento para pensar as preocupações do desenvolvimento sustentável. Ao analisar os desequilíbrios ecológicos que nos atormentam atualmente e que precisam ser enfrentados urgentemente, sob pena de se tornar inviável a vida na superfície da Terra, ele também analisa os modos de vida humanos individuais e coletivos e afirma que eles “evoluem no sentido de uma progressiva deterioração” (GUATTARI, 1990: 7).

Observa que as instâncias políticas e executivas não têm dado a devida atenção a este aspecto, se contentando em abordar e atacar os danos industriais ao meio ambiente, ainda assim numa perspectiva tecnocrática. Para este autor, a articulação entre *desenvolvimento*

*econômico, prudência ecológica e equidade social*, não dá conta das dimensões da degradação, especialmente quando se consideram os processos de deterioração subjetiva.

Guattari não está sozinho nesta preocupação. Ao encontro de suas preocupações andam as declarações de Octavio Paz, feitas já em 1969, em suas aulas no Texas, ao afirmar:

Esqueçamos por um momento dos crimes e das burrices que foram cometidos em nome do desenvolvimento, da Rússia comunista à Índia socialista e da Argentina peronista ao Egito nasserista e vejamos o que acontece nos Estados Unidos e Europa Ocidental: a destruição do equilíbrio ecológico, a poluição dos espíritos e dos pulmões, as aglomerações e os miasmas nos subúrbios infernais, os estragos psíquicos na adolescência, o abandono dos velhos, a erosão da sensibilidade, a corrupção da imaginação, o aviltamento de Eros, a acumulação do lixo, a explosão do ódio. Diante dessa visão como não retroceder e procurar outro modelo de desenvolvimento? Trata-se de uma tarefa urgente e que requer igualmente ciência e imaginação, honestidade e sensibilidade, uma tarefa sem precedentes, porque todos os modelos de desenvolvimento que conhecemos, venham do oeste ou do leste, levam ao desastre (In REIGOTA, 1995: 48-9).

Nesta direção de Octávio Paz, GUATTARI afirma que, para esclarecer devidamente e, sobretudo, convenientemente as questões mais cruciais pelas quais estamos passando, em que, além do meio ambiente, as subjetividades também tendem a ser degradadas, só uma articulação ético-política – que ele chama de *ecosofia* – entre os três registros ecológicos que ele apresenta, que são o do *meio ambiente*, o das *relações sociais* e o da *subjetividade humana* (GUATTARI, 1990:8). Esta é, aliás, a contribuição deste autor à proposta pedagógica para as escolas de Curaçá. Para ele,

É a relação da subjetividade com sua exterioridade – seja ela social, animal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. A alteridade tende a perder toda aspereza. O turismo, por exemplo, se resume quase sempre a uma viagem sem sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e de comportamento (GUATTARI, 1990: 8).

Ora, nos parece claro que, pelo que já foi exposto, no São Bento (como possivelmente em qualquer outro lugar, rural ou não, em que as relações entre as pessoas estão sendo substituídas pela relação com as coisas, em que a brincadeira de roda está sendo trocada pelo *Big Brother* ou pelo Dragon Ball), já há desde muito – mas agora com mais fervor – esta dimensão da produção dos desejos, esta “segunda industrialização” ou “segunda colonização”, a da alma, como quer Edgar Morin.

As novas mercadorias que vendem a varejo os ectoplasmas de humanidade e que, por assim proceder, conduzem também mecanismos de degradação, de infantilização e achatamento das formas de pensar, agir, sentir e desejar.

No São Bento isso já alterou as relações humanas e talvez explique aquilo que é bastante recorrente nas falas dos pais e moradores do povoado que é a questão do “desrespeito”. Os aparatos técnicos e tecnológicos trazem além de seus procedimentos racionalistas, essas manufaturas do desejo, que também funcionam como verticalidades, por estarem engendradas em maquinarias muito complexas que se ligam ao capitalismo e a suas estratégias para reproduzir os seus modos.

Portanto, estes aparatos trazem as verticalidades que ditam modos de vida através das modas. A superficialização e o aligeiramento das relações, a flexibilização e o apelo à mudança (não há mais identidade fixa; o importante é mudar!), também podem corroer o caráter, como bem analisou Richard Sennett em *A Corrosão do Caráter* (SENNETT, 2001). Impõe uma instabilidade apavoradora ao suspender qualquer promessa de futuro, a não ser pelas promessas do sucesso fácil.

Todas essas coisas compõem as narrativas do presente, tanto nas grandes cidades quanto em contextos rurais recém “colonizados” pela TV e pelas novas técnicas e tecnologias. Apesar disso, as narrativas do desenvolvimento sustentável permanecem centradas no critério econômico ou no ambientalismo.

A preocupação em gerar um desenvolvimento econômico ecologicamente prudente não deve esquecer sobretudo de perguntar: “e para quê?” ou “para onde caminha o desenvolvimento sustentável?” No sentido do pensamento único?

Colocar o desenvolvimento sustentável em suspeição é sobretudo recobrar as suas filiações e perguntar ao que ele nos une. Lembro que o mesmo Guattari, em outro trabalho, fala que há não só os modos de produção econômica capitalista – que estão na matriz que gestou o conceito de desenvolvimento sustentável, mas há também os *modos de produção da subjetividade capitalística* (GUATTARI e ROLNIK, 1996: 16), que encadeia estilos de vida e modos de pensar condizentes com os anseios capitalistas, reforçando os individualismos e as várias faces do liberalismo e do consumismo.

Como juntar, na análise do desenvolvimento rural do sertão semi-árido, como é o São Bento, estas questões? Para onde caminham nossas pretensões de desenvolvimento sustentável? Para uma aderência silenciosa ao modelo capitalista hegemônico, na narrativa atual da globalização e a seu pensamento único?

Que disposição nós temos para analisar mais profundamente as transformações que ocorrem em contextos como o São Bento, para filtrar as contradições do progresso e para onde ele encaminha as pessoas? Que equação seria necessária para nem cair no mero adesismo ao modo capitalista, nem defender o retorno ao passado como queria Rousseau?

**De um lado**, o desenvolvimento sustentável como emblema, gruda em tudo que é discurso oficial (como as tatuagens dos chicletes que os jovens “curtem”). Sendo uma *dêixis discursiva*, não pára de controlar à distância os discursos e de filiá-los de forma inquestionável e pouco crítica. Nesta perspectiva, mesmo que pouco esclarecedora, não pára de desdobrar ações que também requerem uma filiação.

É assim que no São Bento, esta perspectiva do desenvolvimento sustentável faz a escola agir perante a comunidade, fazendo coleta de lixo, arborizando o povoado, mas sequer faz com que se perguntem sobre as razões de uma cultura descartável, sobre a produção de *áreas luminosas* e *áreas opacas* de desenvolvimento<sup>4</sup>; sobre a periferia rural e a lógica das casas brancas.

Em certos momentos, a confusão é tamanha que a própria escola que faz o discurso da proteção aos animais e à Floresta Amazônica ou ao Angico e à Caatinga, foi flagrada contrariando o seu próprio discurso (ou o discurso do qual é portadora) e fazendo uma comemoração servida com carne de tatu, como se pode ver na imagem da página seguinte.

---

<sup>4</sup> Sobre isso ver SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2001.



**Imagem 32.** Uma festa na escola servida com carne de Tatu.

**De outro lado**, a noção de convivência com o semi-árido ainda é uma noção confusa, uma vez que se centra muito nos aspectos climáticos e extremamente localistas. Uma visão mais ampla e mais dialética, que incorpore os muitos elementos (os muitos “entretantos” colocados aqui) e faça as proposições repousarem sobre essa complexidade, ainda nos parece muito insipiente. De certo modo a noção de convivência acaba encarnando uma racionalidade que, aparentemente lhe seria contraditória, e deixa de ver, sobretudo, que já

há uma convivência estabelecida entre sertanejos e meio ambiente, pelos elementos que apontamos na parte que tratamos das similitudes e das diversas formas de solidariedade mútua.

Restaria pensar os termos de uma inversão de valores que não fosse tão receosa dos meios técnicos – e fosse também crítica em relação a eles –, ou receosa em relação aos hibridismos e às mudanças culturais e que, sobretudo, pudesse redefinir os termos de uma sustentabilidade para o desenvolvimento no contexto presente, com as condições do presente, no interstício entre tradição e mudança, entre local e global; no solo de um enraizamento dinâmico.

#### ***V.8. EDUCAÇÃO E DS NO ÂMBITO DA CONVIVÊNCIA COM O SEMI-ÁRIDO***

Uma das coisas que as escolas do São Bento estão fazendo é exercitando a realização de uma certa função da escola, que tem sido bastante subsumida pelo alfabetismo. Além do mero ensino da leitura e da escrita, as escolas têm assumido a possibilidade de pisar o chão onde estão plantadas. De vez em quando uma idéia mais abstrata sobre o que poderia ser a função da escola.... Vai ganhando um sentido mais concreto.

*DGP7. Eu penso que a função social da escola... é... seria transformar a realidade. Eu acho que se a gente pensar assim de uma forma bastante sintética a escola teria uma função de transformar essa realidade, de melhorar, de transformar os indivíduos em seres mais críticos, pensantes, que possam intervir na sua realidade, eu acho que seria nesse sentido.*

*DPP2. A escola tem conseguido mudar muita coisa porque, muitas vezes, vamos dizer assim, por exemplo, os pais dos alunos que tirava casca de angico pra vender, né? Hoje já sabe que num pode. É um exemplo. Eles, os alunos, vão pra escola, em reunião que tem com os pai também; as pessoas debate algum assunto assim, como convivência com o semi-árido, aí eles vão*

*aprendendo como trabalhar num é? Na região, o manejo do criatório, que muitos num sabia como tratar seu criatório, hoje já sabe, junto com auxílio da escola.*

Essa formação para transformar a realidade está, de toda sorte, acontecendo no São Bento. Os depoimentos apontam para as mudanças de comportamento dos alunos.

O grande problema é quando não se tem bem claro a direção da transformação. Ou quando a coisa fica dando voltas em torno das mesmas questões, e não amplia a abordagem. A própria proposta pedagógica parece que não é uma peça de mobilização de conhecimentos, pois não virou elemento de formação continuada entre os/as professores/as.

Muitos deles e delas afirmam que não conhecem o seu texto; que nunca o leram, especialmente as professoras e professores que vêm da cidade de Curaçá. A vinculação com a temática do desenvolvimento sustentável e a da convivência com o semi-árido, é mais visível entre professoras que são filhas do povoado e que participaram das discussões desde o início. Por um lado isso mostra como é importante não ficar trocando professores, trazendo de fora, mas priorizar o investimento nas pessoas do próprio lugar.

Mas o ponto mais importante é a questão do preparo ou do despreparo destes agentes potencializadores da transformação, que são os professores e as professoras. Como o município parou o processo de formação que estava em curso, os professores e professoras ficaram órfãos e órfãs desta potencialização dirigidas e eles e elas nos cursos, oficinas, seminários, etc., que foram suspensos assim que os recursos das parcerias cessaram. Essas são as faltas nomeadas nas avaliações.

*DGP8. Primeiro o que falta é a questão da formação continuada dos professores, uma formação permanente, exatamente eu acho que é partir dessa idéia da sustentabilidade, discutir mais isso, trazer outros elementos, pensar outras coisas. Se discutir as relações que se estabelecem junto com a produção da escola né. Todas as práticas que envolvem os professores, que envolvem os alunos, as condições da escola.*

DGP9. *Olha, eu acho que falta muita coisa, falta muito. Primeira coisa é o poder público perceber de fato qual é o seu papel nesse processo, eu acho que essa é uma coisa fundamental, eu acho que o poder público ainda não conseguiu entender de fato qual é o seu papel nesse processo. Tá tentando, tá... tem aberturas daqui, faz... quer dizer, tem as parcerias e tal, mas, e aí quando eu falo o poder público não tô falando só o prefeito, tô falando o vereador, todo mundo; acho que não entenderam ainda. Ainda ficam fazendo manobras políticas, clientelismo, fazendo política de QI [Quem Indica]; isso ainda precisa avançar.*

DPP3. *Ainda faltam muitas coisas, embora tenha melhorado, mas tá muito fraco ainda. Eu acho que falta apoio dos políticos, das pessoas da comunidade. Falta a energia elétrica no povoado, que ainda não conseguimos por falta de apoio mas eu acho que não é por isso que a gente vai desistir, a gente vai tentar. Falta apoio pedagógico; falta acompanhamento pedagógico... Já melhorou mas ainda falta muito.*

Mas é preciso considerar sobretudo que a educação, ela mesma funciona como um dispositivo disparador de novos desejos e novas demandas. Que ela aumenta as sedes de errância, fortalece o nomadismo, a busca incessante. Os alunos já projetam o seu futuro no âmbito destas buscas.

DAA4. *Eu quero me formar em Veterinária. Ia ter que sair mas voltaria porque aqui a gente vê tem muito criatório né? Muita gente não sabe lidar com os animais, doenças então eu gostaria de poder ajudar dessa forma, trabalhando aqui na região, como veterinário.*

DAA5. *Ah, o que eu mais queria ser é radialista, mas acho que num... num dá, trabalhar no computador também é o meu maior sonho.*

DAA6. *Eu quero ser professora mesmo.*

DAA7. *Eu, quanto terminar aqui eu vou pra Juazeiro. Pra continuar a estudar e assim, ter um estudo mais reforçado. Eu... eu penso assim, de nunca parar de estudar, ficar só aprendendo mais coisas... (GPX)*

DAA8. *Quero ser, espera aí... quero ser... quero ser, quero ser advogada . Quando eu crescer eu vou estudar... quando eu crescer eu vou estudar aqui, aí quando eu tiver mais grandona eu vou estudar em Curaçá.*

DAA9. *Quero ser advogado. Quero estudar muito [...] eu vou estudar em Curaçá, em Juazeiro, onde tiver. Ai eu fico por lá mesmo.*

DAA10. *Eu quero ser veterinário. Se tiver que sair eu vou. Depois quando terminar eu volto. Eu gosto daqui, das pessoa... Aqui é bom, só falta ter energia elétrica e colégio pra gente estudar. Estudar é importante pra gente aprender mais coisas, saber falar com as pessoa direito... Receber as pessoa com educação.*

DAA11. *Rapaz, eu não pretendo parar de estudar mais não, me empolguei agora... Quando acabar aqui, acho que a opção é Curaçá. Mas eu quero estudar mais... ai fica difícil... eu quero ser engenheiro agrônomo... Só nun sei se volto pra cá... ai vai depender né? Acho que... eu não sei... depois de lá é que a gente podia vê, né?.*

É necessário considerar, antes de qualquer outra tendência reducionista que a educação, ou a falta dela em níveis mais elevados, é um dos principais motivadores de êxodo. Em muitos casos a escola passa a ser entendida não apenas como condição de importância crescente para se viver na cidade, mas como um dos principais componentes da própria idéia de *cidade*, “o lugar do sujeito escolarizado, ou seja, do *roceiro* ressocializado através dela para ser justamente um *cidadão*” (BRANDÃO, 1984:223), numa cidadania que falta no meio rural, uma vez que os elementos de qualificação desta cidadania, como o cartório, o hospital ou posto de saúde, a educação mais elevada o banco e o emprego, ainda estão centralizados no meio urbano.

A noção de convivência com o semi-árido deve considerar que as pessoas buscam suas melhoras, e enquanto estas não chegam, as pessoas irão procura-las onde acham que estarão.

Mas é preciso acreditar que essa sustentabilidade da noção de convivência com o semi-árido na escola, começa com a melhoria da escola, para fazer as pessoas pensarem e pensarem-se, para expulsar, como diria Paulo Freire, o opressor que vive hospedado no oprimido e faze-los romper com sua situação de opressão, para que saiam da situação de imersão e emirjam numa consciência de si e para si.

Na “imersão” em que se encontram, não podem os oprimidos divisar, claramente, a “ordem” que serve aos opressores que, de certa forma, “vivem” neles. “Ordem que, frustrando-os no seu atuar, muitas vezes os leva a exercer um tipo de violência horizontal com que agridem os próprios companheiros. É possível que, ao agredirem seus companheiros oprimidos estarão agredindo neles, indiretamente, o opressor também “hospedado” neles e nos outros. Agridem, como opressores, o opressor nos oprimidos (FREIRE, 1987:49).

A escola não pode se furtar de plantar coragem para rever as situações de opressão, por exemplo que se mantém nas relações de gênero, no machismo ainda galopante. Mas também nas relações de opressão política.

*DGP10. Quando uma criança começa a questionar o professor, por exemplo, isso já demonstra uma grande mudança, então para mim isso já é um indicador de que as coisas estão mudando na educação em Curaçá. Quando o pai tem a coragem de dizer que o prefeito tá deixando as escolas abandonadas por uma série de questões, isso é um indicador também, que dificilmente um cabra do meio do mato chegaria para o prefeito ou para o vereador e dizia “oh, vocês fizeram um bocado de discurso aí e não tá funcionando”, e tal. A primeira grande contribuição da escola, de pensar a escola agora diferente é exatamente essa coisa da auto-estima das pessoas, as pessoas perceberem que elas são gente como outra pessoa lá de São Paulo, lá do Rio, lá de Porto Alegre ou dos Estados Unidos, quer dizer, as pessoas perceberem que elas são importantes. Isso para mim é o grande, uma das primeiras grandes contribuições da escola, quer dizer, a criança dizer assim “eu quero ficar aqui porque eu gosto daqui, aqui é interessante para viver também”. Quer dizer não que ela vai ter que ficar fechada, não vai sair para ver outras coisas, mas é essa coisa assim: “não, como eu sou gente e aqui é o meu lugar, aqui é interessante também, os outros lugares é interessante mas aqui também é interessante. Pra mim é isso que é a parte que a escola pode contribuir com o desenvolvimento sustentável e já tá fazendo...*

Estas parecem ser algumas marcas muito contraditórias e complexas das possíveis pontes entre a educação escolar e o desenvolvimento sustentável. A chegada da escola, onde ela tem oferecido mais elementos para o desenvolvimento das pessoas, parecer ser exatamente naquilo que ela altera; naquilo que era *inter-fere* e não naquilo que ela mantém estável. Seja do ponto de vista do desenvolvimento da crítica, seja do ponto de vista de gerar atitudes proativas ao cuidado com o povoado, seja no favorecimento do encontro, da deambulação, da proximidade entre o *dentro* e o *fora*; na abertura também para as errâncias; para os contatos múltiplos e ampliadores dos universos de referência.

DAA12. *O que eu mais gosto aqui é que a gente encontra os amigos. É muita gente que vem pra cá pro povoado, de noite, das fazendas. Ai tem muita brincadeira, assim, uns com os outros, tirando brincadeira. Muita bagunça. Aqui mesmo, agente se encontra, tem uns que namoram... faz amigos; tem vez que a gente faz festa, a escola faz festa. É muito bom! Eu já fico pensando quando eu terminar a 8ª como é que vai ser. Não vou me acostumar mais.*